

**BUROCRACIA CAXIAS E/OU PERVERSÃO MALANDRA?  
TRABALHO IMATERIAL E SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA NUMA  
INSTITUIÇÃO BUROCRÁTICA**

Eduardo José DINIZ<sup>1</sup>

**RESUMO:** Muito da filosofia contemporânea pode ser visto como uma série de tentativas de livrar-se da influência dos dualismos metafísicos, tais como entre essência e acidente, substância e propriedade, aparência e realidade, que o pensamento ocidental herdou dos gregos. Da sociologia à administração, da economia à psicanálise todas as áreas do pensamento social foram mais ou menos atingidas por essa *démarche*. Delas é talvez a antropologia que vai sentir os maiores impactos desses desdobramentos, posto que das ciências sociais é a mais engajada com o estudo da linguagem. Nesse ensaio tratar-se-á de abordar as análises produzidas contemporaneamente sobre o trabalho, em particular, sobre a emergência de uma nova hegemonia, a do trabalho imaterial, assim como, as novas abordagens sobre as formatações da subjetividade, da rigidez e exclusividade da identidade na sociedade disciplinar para fluidez e aditividade das identificações da sociedade de controle, como marco teórico para uma tentativa de elaborar uma etnografia dos funcionários recém contratados por uma empresa pública, o BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

**PALAVRAS CHAVE:** Trabalho imaterial. Subjetividade. Burocracia.

*“Nunca fomos tão brasileiros!”  
Plebe Rude*

### **Introdução**

Muito da filosofia contemporânea pode ser visto como uma série de tentativas de livrar-se da influência dos dualismos metafísicos, tais como entre essência e acidente, substância e propriedade, aparência e realidade, que o pensamento ocidental herdou dos gregos. Rorty (1994, p.70, nota 4, tradução nossa) sugere que seu

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências Sociais. PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Pós-Graduação em Ciências Sociais. Rio de Janeiro - RJ – Brasil. 22453-900. ejdiniz@uol.com.br

[...] palpite é que os historiadores da filosofia no futuro verão o século XX como o período em que um tipo de panrelacionalismo neo-leibniziano foi desenvolvido em vários idiomas diferentes – um panrelacionalismo que retoma o argumento de Leibniz de que cada mônada nada mais é do que todas as outras mônadas vistas de uma certa perspectiva, a substância de cada uma não sendo mais do que as relações que estabelece com todas as outras.

Vários rótulos e *slogans* estão associados a esse movimento anti-essencialista, anti-metafísico, entre eles: pragmatismo, existencialismo, desconstrucionismo, holismo, pós-estruturalismo, pós-modernismo, anti-realismo, entre outros. Variados também são as áreas do pensamento que foram exploradas, re-semantizadas, no desdobrar dessa *démarche* contemporânea. O pensamento social, talvez porque mais atento à sua dimensão essencialmente interpretativa, recebeu extensa influência dessa sorte de pensamento. Nesse sentido, tem sido extensamente recuperado e referido por autores contemporâneos, tais como: Antonio Negri, Michael Hardt e Maurizio Lazzarato, o pensamento de autores como Gabriel Tarde e Georg Simmel, que experimentaram posição marginal na fundação das ciências sociais como área específica do pensamento em relação a autores como Weber, Durkheim e Marx cujo pensamento apresenta-se mais em sintonia com um *ethos* realista, próprio do espírito moderno.

Da sociologia à administração, da economia à psicanálise todas as áreas do pensamento social foram mais ou menos atingidas por essa *démarche*. Delas é talvez a antropologia que vai sentir os maiores impactos desses desdobramentos, posto que das ciências sociais é a mais engajada com o estudo da linguagem<sup>2</sup>.

Nesse ensaio tratar-se-á de abordar as análises produzidas contemporaneamente sobre o trabalho, em particular, sobre a emergência de uma nova hegemonia, a do trabalho imaterial, assim como, as novas abordagens sobre as formatações da subjetividade, da rigidez e exclusividade da identidade na sociedade disciplinar para fluidez e aditividade das identificações da sociedade de controle, como marco teórico para uma tentativa de elaborar

---

<sup>2</sup>De fato, é a partir do chamado *linguistic turn* que a maior parte do que se identifica como antropologia cultural se desenvolve.

uma etnografia dos funcionários recém contratados por uma empresa pública, o BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

A seleção para ingresso no BNDES, como nas demais instituições de natureza pública, seja da administração direta ou das autarquias, empresas ou fundações, é realizada através de concurso público. Embora no caso das empresas públicas o contrato de trabalho seja regido pelo regime jurídico da CLT, a consolidação da legislação trabalhista, portanto, não havendo previsão de estabilidade da relação empregatícia, faz parte da percepção geral do público, e na prática o contexto do concurso público realmente torna mais críticos os procedimentos para a interrupção unilateral do contrato de trabalho, que o emprego seja mais estável do que em empresas da iniciativa privada.

Pretende-se demonstrar com o que se segue que a decisão de participar do concurso e posteriormente aceitar a oferta de emprego pode ser entendida como uma tática defensiva utilizada por jovens profissionais que experimentam a insegurança e as vicissitudes do mercado de trabalho nos dias de hoje. Pretende-se, ainda, a partir dos relatos dos informantes entrevistados, informar em que medida essa tática representa um processo substancialmente novo no estabelecimento de identificações parciais, condizentes com uma abordagem relacional, sujeitas à fluidez do devir ou, se pode, ainda, indicar, aditiva ou alternativamente, uma reação à angústia provocada pelo esvaziamento das identidades profissionais.

### **Disciplina e controle**

O que está em jogo em termos mais amplos em relação às transformações por que passou a sociedade pode ser descrito nos termos de Foucault, como a passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. A sociedade disciplinar se caracteriza “pelo agenciamento do poder disciplinar”, isto é, de técnicas, nascidas no final do século XVII, que “transformam” e “conhecem apenas o corpo e o indivíduo” e “do poder biopolítico”, nascido em meados do século XVIII, “que visa a população” sendo, assim, constituído por “[...] tecnologias [que] se dirigem a uma multiplicidade enquanto massa global, investida de processos coletivos específicos da vida, como o nascimento, a morte, a produção, a doença.” (LAZZARATO, 2006, p.73-74). Já a sociedade de controle cujas técnicas de poder podem ser

vislumbradas já ao final do século XIX, “não [têm] mais nenhuma semelhança com as disciplinas ou com o biopoder.” Nas sociedades de controle “[...] o grupo social não se [constitui] mais nem por aglomerações, nem pela classe, nem pela população, mas pelo público (ou melhor, pelos públicos).” Suas técnicas de poder enfrentam “[...] o problema fundamental [de] manter juntas as subjetividades quaisquer que agem a distância umas sobre as outras, em espaço aberto.” (LAZZARATO, 2006, p.75). Nos termos de Tarde (apud LAZZARATO, 2006, p.79): “Ao regime anárquico da cobiça sucedeu o governo autocrático da opinião, que se tornou onipotente.”

### **Identidade, identificações e subjetividade**

Nas sociedades disciplinares os sujeitos passam “[...] de forma linear e progressiva de uma ‘prisão’ a outra (da escola ao exército, do exército à fábrica).” (LAZZARATO, 2006, p.73). Dessa forma, considerando-se, ainda, a idéia de uma interioridade fixa, uma essência, advinda da predominância da representação dicotômica entre a essência e a aparência, sujeitos e objetos do conhecimento, propunha-se a existência de uma essência estável, de identidades unitárias e mutuamente excludentes que constituiriam os sujeitos, determinada, em larga medida, pela instituição disciplinar a que o indivíduo específico estivesse sujeito. Assim, sequencialmente, o filho tornava-se aluno, o aluno, soldado e o soldado, operário.

Na sociedade de controle “não terminamos nada:” “passamos da escola à empresa, e da empresa retornamos à escola” (LAZZARATO, 2006, p.73). De acordo com a perspectiva tardeana, na mônada reside “a idéia de uma multiplicidade de relações que não dependem nem do sujeito nem do objeto, mas que os constituem, que os geram, que os fazem emergir.” Assim sendo, “A mônada é, ao mesmo tempo, sigularidade e multiplicidade. É multiplicidade porque contém todas as relações que constituem o mundo no qual está inserida. É singularidade a partir do momento em que não expressa mais do que uma parte desse conjunto de relações.” (LAZZARATO, 2006, p.30). Mais ainda, “[...] em cada interação, em cada interpretação, em cada situação [...] as mônadas exprimem ações de apropriação e de sujeição se de outras mônadas”. Pode-se concluir, portanto, que as relações sociais podem ser “predefinidas por jogadas estratégicas que consistem em conduzir a conduta dos outros”

(LAZZARATO, 2006, p.37). Tal panorama, somado à dissolução da dimensão de interioridade, indica um colapso da idéia de uma identidade rigidamente definida a cada momento, típico da sociedade disciplinar. Em lugar disso, vigora na contemporaneidade uma fluidez na constituição das subjetividades expressa no processo de identificações múltiplas expressas naquilo que se faz, no acontecimento, que podem somar-se ou substituir-se umas às outras e podem ser concebidas como os resultados inconstantes dos diversos agenciamentos que as mônadas estabelecem entre si.<sup>3</sup>

É importante destacar nesse ponto a dimensão do acontecimento por oposição à da interioridade. Criar, nesse novo paradigma, é realizar, materializar. Criar é estabelecer relações, agenciamentos novos entre mônadas, portanto, trata-se de algo que se manifesta, que acontece, necessariamente, fora das mônadas, entre elas. Para a criação contemporânea “de nada adianta sua condição de não realização, de não ‘desencapsulamento’” (ALMEIDA, 2008, p.11). Portanto, como “o acontecimento, para a empresa, chama-se publicidade”, a empresa contemporânea “[...] opera transformações incorporais [...] que produzem (ou buscam produzir) principalmente uma mudança de sensibilidade, uma mudança em nossa maneira de avaliar” (LAZZARATO, 2006, p.102). Trata-se, em verdade, de um “simulacro de acontecimento que a empresa e as agências de publicidade inventam” e cuja materialização “se realiza tão logo as maneiras de viver, de comer, de ter um corpo, de se vestir, de morar se efetuem nos corpos”. (LAZZARATO, 2006, p.103). O processo de “atualização nas almas”, da mudança nas maneiras de avaliar e a “encarnação nos corpos”, da materialização das novas formas de acontecer não são processos “coincidentes e podem [...] ter efeitos absolutamente imprevisíveis sobre a subjetividade das mônadas” (LAZZARATO, 2006, p.104). O palácio de cristal é visível para todos mas o acesso a ele é franqueado a alguns poucos escolhidos.

---

<sup>3</sup>Mafessoli (1996). Como conseqüência dessa orientação, muitos dos analistas têm se concentrado no desenvolvimento da proposta da utilização de categorias relacionais de análise mesmo naquelas sociedades onde o individualismo moderno penetrou mais fortemente. Nesse sentido, ganha corpo uma certa perspectiva de retorno a padrões de relacionamento pré-modernos, arcaicos ou tribais, em resumo, uma redescoberta dos padrões de sociabilidade das sociedades relacionais. O que nos coloca, como brasileiros, numa posição de vanguarda nessa dinâmica, pois entre nós sempre teve mais aderência a afirmação de Latour: “nunca fomos modernos”.

Os mundos da publicidade são mundos fechados e totalitários, uma vez que destroem ou excluem outros mundos possíveis, que já estão lá (os modos de vida não ocidentais, por exemplo) ou que poderiam vir a existir. As empresas agem sobretudo através das transformações incorporais, que chegam antes e muito mais rapidamente do que as transformações corporais. Três quartos da humanidade são excluídos das transformações corporais, ao passo que continuam tendo rápido acesso às transformações incorporais (sobretudo através da televisão). O capitalismo contemporâneo chega primeiro com palavras, signos, imagens. E as máquinas de expressão, hoje em dia, não precedem apenas as fábricas, mas também a guerra. (LAZZARATO, 2006, p.105).

### **Emergência do trabalho imaterial**

Essa transformação tem implicações, evidentemente, na organização da produção e do trabalho. Esse processo pode ser exemplificado no mundo do trabalho pela “[...] derrota do operário fordista e [...] o reconhecimento da centralidade de um trabalho vivo sempre mais intelectualizado, que [constitui] as variantes do modelo pós-fordista.” De fato, “[c]omo prescreve o novo *management* hoje, ‘é a alma do operário que deve descer na oficina’”. (LAZZARATO; NEGRI, 2001, p.25). As recentes configurações ensejadas pelo “novo espírito do capitalismo” como propõem Boltanski e Chiapello (apud PELBART, 2003), rizomáticas e conexionistas “[...] permitem pensar em linhas de aproximação com o modelo da rede, assim como com as dinâmicas de trabalho que tendem a privilegiar, a cada dia, a horizontalidade no lugar da hierarquia, a valorização da ‘equipe de colaboradores’ no lugar do ‘cada um por si’ competitivo.” (ALMEIDA, 2008, p.6). Trata-se do trabalho imaterial que, embora não seja, ainda, majoritário, já demonstra ser hegemônico inclusive pela forma com que transformou a linguagem do mundo empresarial, com a metáfora da rede sendo utilizada largamente nas mais variadas aplicações. De acordo com Tarde (apud LAZZARATO, 2006, p.78), a perseguição desse “[...] ‘estranho ideal’ de sociabilidade pelo qual os ‘cérebros se tocam a cada momento através das múltiplas conexões’” que seria distintivo da sociedade de controle.

Trata-se do retorno do “protagonismo crítico desempenhado pelas décadas de 60 e 70” (ALMEIDA, 2008, p.9). Zizek (2006, p.112), ao tratar dos *hackers* que são contratados por

empresas como a Microsoft para mergulhar no seu passatempo pontifica que estes “[...] ficam expostos a uma pressão do superego incomparavelmente mais forte do que a da boa velha ética do trabalho protestante”. Uma tal empresa visa precisamente ao contrata-los

[...] “o coração da criatividade idiossincrática” de tais *hackers* – tornando-os inúteis para ela a partir do momento em que tais programadores comecem a perder o que ele entende por ‘perversão malandra’, pelos traços subversivos e “contraculturais”, e passariam a se comportar como sujeitos adultos “normais”. (ALMEIDA, 2008, p.9).

### **Os recém concursados e seu discurso**

À dessemelhança da geração de funcionários que os recém contratados vêm substituir, a idade média da turma que ingressa agora na instituição é alta, acima dos 30 anos. Nesse sentido, é comum entre os ingressantes que já tenham alguns anos de carreira. O banco não é, portanto, sua primeira ocupação profissional, como é o caso para a maioria da geração que se aposenta atualmente e que ingressara no banco em meados dos anos 70, início dos 80, muito dos quais tendo sido contratados como “adestrados” após terem cumprido período de estágio na instituição antes de concluírem o curso universitário.

O perfil dos entrevistados obedeceu a uma segmentação previamente estabelecida do universo de recém contratados. Foram entrevistados para esse breve estudo três funcionários recém contratados: Rafael, administrador, 35 anos, seis meses de trabalho na instituição, contando já doze anos de formado, tendo sido empregado previamente, por períodos variados, em empresa privada do ramo de produção de insumos industriais e da área de educação e em empresas públicas tanto na área de energia quanto na de serviços financeiros. Denise, 36 anos, administradora, dois meses de trabalho no banco, formada desde 1996, tendo trabalhado desde então em empresas privadas do setor financeiro e na área de telefonia. Por fim, Max, economista, 26 anos, contratado há quatro meses. Graduou-se em 2005, é técnico em eletrônica e ex-estagiário do BNDES. Ingressou como empregado ao concluir o curso de mestrado tendo mantido o vínculo com a universidade por encontrar-se no momento cursando seu primeiro semestre como aluno do doutorado. Trabalhou antes por curto período, já como profissional de nível superior, em uma empresa pública da área de energia.

No discurso dos entrevistados predomina, como seria de se esperar, categorias relacionais, em particular, as referências diretas à família ou ao ambiente da casa (DaMATTA, 1987). Por exemplo, nas palavras de um deles, quando perguntado sobre sua opção pelo concurso público: “trajetórias e opções [pessoais] acabam se confundindo um pouco com formação familiar”. Para esse entrevistado, criado num ambiente familiar que considera conservador, pais imigrantes, nascidos no interior nordestino, mãe do lar, “pai machista, não deixou a mãe trabalhar” e tendo sido o pai também um funcionário público, a opção pelo concurso sempre foi prioritária, “o mercado nunca foi minha primeira opção”. Repetiu-se também nas entrevistas a referência à instituição como uma “casa” além de menções ao orgulho, deles próprios, mas também das suas famílias, em serem incorporados ao contingente dessa “escola de excelência”. Pode estar relacionado a esse ponto a valorização dos episódios, e conseqüente demanda pelo seu reforço, de identificação dos funcionários, principalmente os novos, com a instituição, tais como: assistir os vídeos institucionais de publicidade<sup>4</sup>, palestras com o presidente, depoimentos de despedida dos recém aposentados, etc...

A questão da segurança, naturalmente, surge em todos os discursos. No entanto, o sinal positivo atribuído a essa característica do emprego na instituição é amenizado pelo risco de, ao valorizar excessivamente essa questão, correr o risco de passar a imagem de alguém que pretende ficar sem fazer nada, representado perfeitamente pelo personagem “Barnabé”, já que o risco de perder o emprego é menor do que na iniciativa privada. “Não jogo o fator segurança para [frente]. O fator segurança está lá atrás, é o que apóia, é a base de tudo. Mas eu não vou me utilizar dele.” “Não penso assim: aqui não vou ser mandado embora.”

De fato, emergiu das entrevistas uma imagem bastante negativa ao emprego e às empresas públicos. “Existia, nessa época, [da formatura] uma grande corrida pelas empresas privadas.” “Minha geração via a empresa pública como uma coisa meio assim, [...] não era um *status*, não era uma realização profissional. Realização profissional era trabalhar numa Coca-Cola, IBM...” Ou ainda, nas palavras de outro entrevistado, “naquela época [da

---

<sup>4</sup> Que suscita notável paralelo com a questão da empresa e a neomonadologia do Lazzarato conforme citado acima.

formatura] nem pensava em fazer concurso público. Tinha aquela imagem assim de fazer uma carreira executiva.”

Nessa linha, todos os entrevistados valorizaram positivamente o ambiente de trabalho do banco. Todos declaram a intenção de se aposentar como funcionários da instituição. A questão dos projetos pessoais é central nessa avaliação positiva. Por um lado, internamente à instituição, demonstram a vontade de desenvolver um bom trabalho, que seja valorizado, reconhecido. Afastando-se, dessa forma, da imagem do Barnabé.<sup>5</sup> “Aqui vou trabalhar de forma normal” “com a mente tranquila” porque não tem o temor das “barcas de todo ano”, momentos de mudança na estrutura da empresa quando um grupo grande é mandado embora. Mas “vou pensar o tempo todo em crescer, em me desenvolver, em desenvolver trabalhos...” Sobre o aspecto do seu próprio desenvolvimento no ambiente de trabalho, a sociabilidade relacional surge com força. Nas palavras de um entrevistado: “Aqui essa parte política, social, é uma coisa muito forte, né? Agora, a gente tá entrando, ninguém é ninguém, mas daqui a um ano, daqui a dois, daqui a três, você já vai conhecer pessoas que podem ter alguma influência e o *networking* vai ganhando cada vez mais importância.” É interessante notar a utilização de conceito do *management* contemporâneo que sintomaticamente se utiliza da metáfora de rede.

Por outro lado, os entrevistados demonstraram valorizar, de certa forma mais do que a remuneração<sup>6</sup>, a característica da instituição de possibilitar, principalmente pelo horário de trabalho<sup>7</sup>, o desenvolvimento de projetos pessoais, que remete à questão da aditividade na constituição das subjetividades contemporâneas: correr na praia pela manhã, cursar pós-graduação, dar aulas, ou mesmo, constituir família: casar e ter filhos.

Surpreendente, mas de certa forma uma decorrência da tentativa de se diferenciar do Barnabé malandro, assumindo publicamente a imagem do seu exato oposto, o “Caxias”, é a percepção de que o banco não é mais rígido do ponto de vista hierárquico do que as demais

---

<sup>5</sup>De um dos depoimentos surgiu a categoria “concurseiro”, a pessoa que faz vários concursos públicos, com um valor negativo, relacionado possivelmente, em sentido amplo, ao Barnabé, que resume bem um preconceito difuso contra o servidor público.

<sup>6</sup>Ainda que sobre esse tema pese um certo pudor, a remuneração inicial do banco é vista como bastante atrativa. Superior mesmo àquela que os entrevistados obtinham na iniciativa privada e semelhante à de outras empresas públicas. O maior diferencial dessas últimas é a fundação de aposentadoria privada que ainda oferece planos de benefícios definidos.

<sup>7</sup>35 horas semanais, cumpridas de forma flexível pela existência de banco horas de até 21 horas mensais.

empresas, públicas ou privadas, por onde passaram. Nas palavras de um dos entrevistados: “o frio na barriga que sinto quando entro na sala do meu chefe aqui é o mesmo que nas outras empresas em que trabalhei”.

### **Considerações finais**

Embora a opção pelo concurso possa ser entendida como uma tática defensiva, o discurso dos entrevistados indica que essa noção deve ser problematizada em função do papel crítico que o fator segurança desempenha no padrão de sociabilidade relacional que pode ser representado pela oposição entre os papéis do Caxias e do Barnabé. A questão das identificações parciais e aditivas é reforçada pela atenção dispensada aos projetos pessoais dentro e fora da instituição. Mas, é desvalorizada em favor de uma inclusão mais estável num todo ordenado representado pelo movimento de destaque das questões do “orgulho”, do privilégio, de ingressar numa “casa”, numa “escola de excelência”.

### ***BUREAUCRACY AND SCOUNDREL PERVERSITY? IMMATERIAL WORK AND CONTEMPORARY IDENTITY IN A BUROCRATIC INSTITUTION***

**ABSTRACT:** *Such of contemporary philosophy can be seen as a series of attempts to get rid of the influence of metaphysical dualisms, such as between essence and accident, property and substance, appearance and reality that Western thought inherited from the Greeks. Administration sociology, economics psychoanalysis all areas of social thought were more or less affected by this démarche. There is perhaps the anthropology that will feel the greatest impact of these developments, since social science is more engaged with the study of language. In this test case will address the analysis produced contemporaneously on the work, in particular, the emergence of a new hegemony, immaterial labor, as well as new approaches to the formatting of subjectivity, the rigidity and exclusiveness of identity in society disciplinary fluidity and additivity of the identifications of the control society, theoretical framework for an attempt to develop an ethnography of newly hired employees by a public company, BNDES - National Bank of Economic and Social Development.*

**KEYWORDS:** *Immaterial labor. Subjectivity. Bureaucracy.*

### **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, M. I. M. Juventude e empreendedorismo: uma abordagem das novas “subjetividades executivas”. **Desigualdade e diversidade**, Rio de Janeiro, n.3, p.5-15, jul./dez.2008. Disponível em: <<http://publique.rdc.puc-rio.br/desigualdadediversidade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=52&sid=10>>. Acesso em: 16 nov. 2007.

DaMATTA, R. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Tradução de Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

PELBART, P. P. Capitalismo rizomático. In: \_\_\_\_\_. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003. p.96-106.

RORTY, R. A world without substances or essences. In: \_\_\_\_\_. **Philosophy and social hope**. London: Penguin Books, 1994. p. 47-71.

ZIZEK, S. **Elogio da intolerância**. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

DaMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FARLEY, C.; MALKANI, D.; SMITH, D. **What employers need to know about recent university graduates: shaping recruitment and retention strategies to achieve high performance**, Accenture white paper, 2008. Disponível em: <[http://www.accenture.com/Global/Consulting/Talent\\_and\\_Organization/Change\\_Mgmt/R\\_and\\_I/WhatEmployersHP.htm](http://www.accenture.com/Global/Consulting/Talent_and_Organization/Change_Mgmt/R_and_I/WhatEmployersHP.htm)>. Acesso em: 16 nov. 2007.

GUATTARI, F. Subjetividade e História. In: ROLNIK, S.; GUATTARI, F. DELEUZE, G. **Micropolítica: cartografias do desejo**. São Paulo: Vozes, 1986. p.25-124.

LIPOVETSKY, G. Super-Homem: obsessão pelo desempenho, prazeres dos sentidos. In: \_\_\_\_\_. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. Tradução de Maria Lucia Machado. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2007.

PARENTE, A. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: \_\_\_\_\_. PARENTE, A. (Org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.91-110.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SLOTERDIJK, P. **O palácio de cristal**. Le palais de cristal: à l'intérieur du capitalisme planétaire. Paris: Maren Sell Éditeur, 2006.